



JORNALISMO



## RELATO

# TÍTULO: REVISTA E SITE DUMELA COMO FERRAMENTAS COMUNICACIONAIS NA PRÁTICA DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.

Carla de Oliveira Tôzo<sup>1</sup> ([carla.tozo@usp.br](mailto:carla.tozo@usp.br), [carla.tozo@fiamfaam.br](mailto:carla.tozo@fiamfaam.br))  
Edilaine Heleodoro Felix<sup>2</sup> ([edilaine.felix@fiamfaam.br](mailto:edilaine.felix@fiamfaam.br))  
Maria Lúcia da Silva<sup>3</sup> ([maria.l.silva@fiamfaam.br](mailto:maria.l.silva@fiamfaam.br))

## RESUMO

Este relato narra as atividades do Núcleo de Estudos Étnicos-Raciais (NERA) na Escola de Comunicação do Centro Universitário FIAMFAAM ao longo de quase quatro anos na prática da educação antirracista, principalmente com a criação da revista e do site Dumela, que agrega alunos e professores em suas ações tendo como base as diretrizes da lei 10.639/2003.

## PALAVRAS-CHAVE

Revista. Site. Jornalismo. Educação antirracista. Lei 10.639/2003.

Dezessete anos após a aprovação da Lei nº 10.639/2003, podemos afirmar que a temática das relações raciais, para inclusão das questões específicas de negros na educação, centralizou o debate do ponto de vista das políticas públicas de inclusão social desse período, no Brasil. Essa Lei, que tem como objetivo reparar danos causados às populações negras pelas discriminações sofridas, alterou a forma de conceber educação, pois tornou obrigatória a inclusão, nos currículos de todos os níveis de ensino, de novos conteúdos, formas e entendimentos sobre o que vinha sendo ensinado sobre a cultura

<sup>1</sup> Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA/USP), jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), professora do curso de Jornalismo do Centro Universitário FMU|FIAM-FAAM, membro do Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA). E-mail: [carla.tozo@usp.br](mailto:carla.tozo@usp.br), [carla.tozo@fiamfaam.br](mailto:carla.tozo@fiamfaam.br).

<sup>2</sup> Jornalista, Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, professora do Centro Universitário FMU|FIAM-FAAM, membro do Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA). E-mail: [edilaine.jornal@gmail.com](mailto:edilaine.jornal@gmail.com); [edilaine.felix@fiamfaam.br](mailto:edilaine.felix@fiamfaam.br).

<sup>3</sup> Jornalista, Doutora em Educação pela Universidade Nove de Julho, professora do Centro Universitário FMU|FIAM-FAAM, membro do Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA). E-mail: [mlucia1459@gmail.com](mailto:mlucia1459@gmail.com); [maria.l.silva@fiamfaam.br](mailto:maria.l.silva@fiamfaam.br)



JORNALISMO





negra, uma vez que a forma tradicional de ensino reafirma preconceitos, discriminações e racismos contra esses povos africanos e seus descendentes.

Mesmo sendo tema central do debate educacional da década passada, e tendo suscitado tanto embate político, a implantação dessa legislação ainda esbarra em muitas dificuldades, entre elas a de formação dos docentes, pois a maioria não teve acesso a esses conteúdos na graduação ou mesmo na pós-graduação. Compreendemos que apenas com uma formação específica esses professores conseguirão atuar com as temáticas da história da cultura afro-brasileira e africana, para promoverem ações de combate ao racismo no ambiente escolar. Constatado esse *déficit* de formação dos docentes para atuar com educação das relações étnico-raciais, as teorias racistas e eurocêntricas são novamente reproduzidas, inviabilizando trajetórias de sucesso escolar de muitos alunos negros. Para Munanga (2005, p. 15), essa falta de formação gera consequências.

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultada colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. (MUNANGA, 2005, p.15)

Além de favorecer o debate sobre o racismo brasileiro, a Lei impacta positivamente na promoção de outras ações afirmativas, como o acesso ao ensino superior, a criação de universidades específicas, a adoção de cota para concursos públicos e o reforço para a criação/manutenção dos Núcleos de Estudos Afrobrasileiros (Neab's).

Vinculados às instituições de Ensino Superior (IES) públicas ou privadas os Neab's nascem em sua grande maioria durante a década de 80, bem antes da implantação da lei 10.639/2003, mas ganham força e aumentam consistentemente com a legislação das ações afirmativas, tornando-se fundamentais na implementação dessa lei, colaborando com a formação de



professores, centralizando o debate sobre democracia racial e o combate ao racismo com a função de desmistificar o pensamento colonial, eurocêntrico. O Centro de Estudos Afro-orientais (CEAO), da Universidade da Federal da Bahia, por exemplo, está em vigor desde 1959 e vem como os demais núcleos de estudos e pesquisa contribuindo para a construção, difusão e promoção do conhecimento da população negra brasileira.

### **CRIAÇÃO DO NÚCLEO DE ESTUDOS ÉTNICOS-RACIAIS (NERA) NO CENTRO UNIVERSITÁRIO FMU|FIAM-FAAM**

O movimento para a criação do Núcleo de Estudos Étnicos-Raciais (NERA) do Centro Universitário FMU|FIAM-FAAM começou em maio de 2016 e teve como objetivo desenvolver trabalhos de pesquisa e ensino relacionados com a missão da universidade e com o disposto no Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

A responsável pela idealização do projeto foi a professora doutora Maria Lúcia da Silva que obteve o apoio de outros professores da instituição e orientações dos professores doutores Dennis de Oliveira e Ricardo Alexino da Universidade de São Paulo (USP) e Juarez Tadeu de Paula Xavier da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

A existência de núcleos nas instituições de ensino para discutir racismo, discriminação, desigualdade é fundamental. De acordo com Xavier (2017), o núcleo é o contraponto na formulação da narrativa contra o genocídio, o etnocídio e o epistemicídio negro no Brasil, com suas pesquisas - graduação e pós-graduação -, e produção de conhecimento. “O mais importante é a não institucionalização desses grupos. A alta gestão deve reconhecer os núcleos como espaços de formulação política das questões raciais, para a sociedade e para a instituição. Creio que isso é decisivo.” (XAVIER, p. 25, 2017)

O interesse do corpo discente e docente foi tanto – já no primeiro ano – que a ideia de desenvolver uma revista surgiu naturalmente, afinal, as revistas



JORNALISMO



têm mais tempo para elaborar a pauta, checar e analisar as informações, cobrir questões mais complexas que a simples transmissão de notícias e explorar diferentes ângulos. Ali (2009, p.17) defende que “os mais brilhantes poetas, escritores, artistas, jornalistas, fotógrafos e cientistas têm usado as páginas das revistas para transmitir ideias, opiniões, interpretações, protestos, denúncias, beleza e diversão, formando assim o pensamento e estilo de vida das sociedades.”

Em sua 4ª edição, a Revista Dumela nasce em 2017 para ser um espaço de divulgação das ações do NERA e de fomento do debate étnico-racial envolvendo o corpo discente e docente do Centro Universitário FMU|FIAM-FAAM e também a comunidade acadêmica interna e externa.

A escolha do formato revista se deve às possibilidades informativas e estéticas que ela pode oferecer. “As revistas cobrem funções culturais mais complexas que a simples transmissão de notícias. Entretêm, trazem análise, reflexão, concentração e experiência de leitura”. (SCALZO, 2009, p. 13)

A Dumela<sup>4</sup> tem em média 60 páginas – tem ocorrido uma variação em cada número -, é semestral (maio e novembro), foi elaborada – voluntariamente - por professores do Núcleo, da Escola de Comunicação e alunos e tem as seguintes editoriais: *Editorial* (reflexão do Núcleo sobre um tema atual), *Por que ler* (dicas de leituras através de resenhas), *Por que ver* (dicas de produções audiovisuais através de resenhas), *Por que ouvir* (dicas de produções sonoras através de resenhas), *Espaço Discente* (para a divulgação de trabalhos produzidos por alunos nas disciplinas comuns da grade e/ou Trabalho de Conclusão de Curso), *Espaço Docente* (professores divulguem suas pesquisas e/ou façam reflexões), *Desmistificando* (editoria que visa esclarecer, explicar temas que ainda são envoltos de preconceito e estereótipos), *Memória* (espaço dedicado ao resgate da história e ações das escolas do Complexo Educacional FMU|FIAM-FAAM), *Diálogos* (entrevistas com especialistas e pesquisadores), *Precisamos falar* (espaço para leitores darem sua opinião sobre temas que envolvam, principalmente, minorias, estereótipos e preconceito), *Refleta*

<sup>4</sup>Dumela é uma palavra do idioma tsuana que significa acreditar, crer e ter fé. A tsuana é a língua original do país Botsuana, que está localizado na região sul do continente Africano.



(espaço para convidado externo), *Ensaio* (fotos e depoimentos de personagens ligados a uma temática especial), *Personagem* (através de perfis destacar a importância/contribuição de pessoas que pesquisem, atuem, sejam referência em suas áreas) e *Espaço Nera* (espaço para divulgação das ações do Núcleo).

Desse modo, para garantirmos a permanência do espaço de debate criado pela revista, o NERA resolveu investir também em uma plataforma digital com o mesmo nome da revista para manter o público interno e externo atualizado sobre as discussões étnico-raciais. O domínio [www.revistadumela.com.br](http://www.revistadumela.com.br) permite a visualização da revista de forma digital (plataforma issu) e ainda oferece conteúdo exclusivo para o formato (notícias, reportagens, vídeos, crônicas, colunistas e na editoria *Por que conhecer*).

A sua primeira impressão ocorreu em Maio de 2018 e seu lançamento oficial e distribuição no dia 25. A data foi escolhida propositalmente por se tratar do dia da África e um evento foi organizado com membros de países africanos de Língua Portuguesa (Nádia Ferreira de Guiné Bissau, graduada em Letras, Madalena Bivi de Moçambique, doutoranda em educação, Pedro Pessula de Moçambique, graduado em educação e Yuran Judelfino Tinta de Angola, graduando em Relações Internacionais) que falaram sobre questões políticas, comportamento, dialetos, tecnologia e mídia, além da apresentação de dança da bailarina moçambicana Inês Dionísio Queme e do grupo musical Maria Maria's Musicoterapia, Raça e Identidade formada por alunas do curso de Musicoterapia da FMU.

## **ATIVIDADES DO NERA / DUMELA**

Nesses quatro anos de atividades, o NERA tem encontrado um espaço amplo para discutir raça do ponto de vista do jornalismo, da publicidade e da propaganda, a partir de oficinas de capoeira e grafite, de rodas de conversa sobre racismo, preconceito, mercado de trabalho, questões indígenas e de gênero, exposições de tecidos, bijouterias e artesanatos, programas de rádio e TV, e salas de leitura, com destaque para a realizada nos meses de setembro e



JORNALISMO



outubro de 2019 que teve quatro encontros para refletir sobre a obra de Sueli Carneiro.

Nesse período já realizamos aproximadamente 50 eventos, com uma média de 160 professores e por volta de 4 mil alunos envolvidos e impactados com essa prática cidadã.

A Revista Dumela, desde seu primeiro número contou com a participação de alunos, que contribuem desde a produção de pauta até a reportagem. O processo é constituído sob a responsabilidade e direção das docentes dos cursos de jornalismo – de disciplinas práticas de Produção de Revista, Produção de Jornal, Jornalismo Digital e Organizações Sociais -, que são integrantes do Núcleo de Estudos Étnicos-Raciais e realizado pelos alunos monitores e estagiários do NERA, e também por quem se identifica com a temática e que encontra na Revista e do site Dumela, vivenciar um ambiente que reproduz métodos e processos empregados no contexto profissional para realizar a integração entre teoria e prática.

O NERA acredita que ao utilizar essas duas ferramentas jornalísticas coloca em prática uma iniciativa mais emancipatória como defende Dennis de Oliveira.

(..) como Paulo Freire, a emancipação do oprimido liberta também o opressor, pois transforma a relação humana, e esse movimento de emancipação é uma tarefa coletiva, ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão. (...) (OLIVEIRA, 2017, p. 20)

Toda a formação e prática realizada no NERA, e os textos produzidos na Revista Dumela são feitos pelos alunos da instituição, textos de opinião são feitos por convidados e por professores da casa e a diagramação é realizada por um aluno do curso de Publicidade e Propaganda, Iuri Lima, tudo supervisionado pelas professoras do núcleo. No Centro Universitário FIAM-FAAM alunos de todos os semestres podem se candidatar para estagiar na NERA, no entanto, seguindo o parágrafo 2 do artigo 12 do CNE, as vagas são priorizadas aos alunos dos períodos finais do curso (7º e 8º semestre) assim eles poderão aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula e



JORNALISMO





JORNALISMO



laboratórios, “cabendo aos responsáveis pelo acompanhamento, supervisão e avaliação do estágio curricular avaliar e aprovar o relatório final, resguardando o padrão de qualidade nos domínios indispensáveis ao exercício da profissão”. (Parágrafo 2, Artigo 12, CNE).

Além do estágio obrigatório, os alunos de diferentes cursos do Centro Universitário FMU|FIAM-FAAM também podem desempenhar atividades no NERA por meio da monitoria voluntária. O artigo 13 da Resolução diz que a monitoria é considerada uma atividade complementar.

Até o momento o NERA e a Revista DUMELA receberam 30 alunos como monitores e voluntários. Dentre as atividades podemos destacar as pautas apresentadas pelos alunos na e para a Revista Dumela com questões acerca das cotas, do preconceito racial, da educação antirracista, das identidades, da importância da diversidade racial e de gênero nas redações, de desmistificar temas como macumba, das religiões afro-brasileiras. Além de artigos de opinião refletindo sobre o Politicamente correto, o 20 de novembro, o Observatório de Favelas; ensaios; espaços para alunos apresentarem trabalhos de conclusão de curso e personagens.

## REFERÊNCIAS

ALI, Fátima. **A arte de editar revistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

OLIVEIRA, Dennis. **Jornalismo e Emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire**. São Paulo: Appris, 2017.

MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2009

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula In FELIX, Heleodoro Felix. **Um núcleo para chamar de seu**. Revista Dumela. São Paulo, v.1, n 1, 2017.



JORNALISMO

